



VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

Eixo TEMÁTICO: Práticas
interdisciplinares e diversidade na
educação.

**Julia Dionísio Cavalcante
da Silva**

PPGEducação/UFF
julia.dcsilva@gmail.com

**Hosana do Nascimento
Ramôa**

PPGEducação/UFF
hosana_nramoa@yahoo.com.br

“ANA É UMA IDIOTA E FERNANDO ESTÁ CERTO”: Construindo reflexões sobre o imaginário social de responsáveis envolvendo gênero, conservadorismo e laicidade.

“ANA IS AN IDIOT AND FERNANDO IS RIGHT”: Building reflections on the social imaginary of parents about gender, conservatism and secularism.



RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa já concluída, que teve como objetivo entender como responsáveis por estudantes compreendem o conservadorismo e a laicidade na educação, por meio de suas percepções sobre questões de gênero. Utilizando uma “ferramenta de imaginário social”, na qual duas personagens emitiam opiniões antagônicas a respeito de um menino vestindo saia, pedimos que as responsáveis comentassem suas considerações. A partir das 22 respostas obtidas, concluímos que mais do que posições polarizadas sobre o assunto, nossas participantes nos ofereceram um espectro de posicionamentos que escapavam da esperada dualidade conservadorismo/progressismo. Mostrando que as pessoas são capazes de combinar, em suas elaborações e argumentações sobre gênero, noções muitas vezes dissonantes acerca do respeito às diferenças e à pluralidade inerentes à nossa sociedade, bem como a respeito do papel da religião na questão.

Palavras-chave: Laicidade. Conservadorismo. Gênero. Educação. Responsáveis.

ABSTRACT

This article is the result of a completed research, which aimed to understand how parents comprehend conservatism and secularism in education, through shared perceptions of gender issues. Using a “social imaginary tool”, in which two characters expressed opposing opinions about a young boy wearing a skirt, we asked the parents to leave their comments on the subject. Through the 22 responses, we concluded that our participants offered a spectrum of standpoints that escaped the expected conservatism/progressivism duality. Showing that people are able to combine, in their elaborations about gender issues, often dissonant notions in regards to the respect of differences and plurality inherent in our Society, as well as the role of religion on the matter.

Keywords: Secularism. Conservatism. Gender. Education. Parents.



1. INTRODUÇÃO

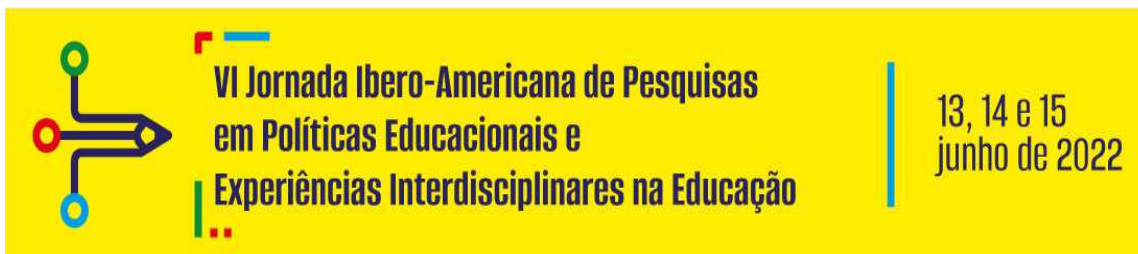
O presente trabalho é parte de uma pesquisa empreendida nos meses iniciais do ano de 2021, como parte do seminário de avaliação de uma disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense.

Em consonância com as reflexões teóricas levantadas para o seminário, em torno das temáticas de gênero, conservadorismo e laicidade (e que aqui serão abordadas), foi acordado pelas autoras do texto o interesse em buscar conhecer as percepções construídas por estudantes e seus responsáveis acerca desses temas. Para mergulhar em suas concepções e perspectivas da realidade social, elaboramos duas ferramentas analíticas, que denominamos “ferramentas de imaginário social”. Aqui trabalharemos somente com uma delas, dedicada às observações dos responsáveis, tendo em vista o espaço que dispomos para o desenvolvimento do texto.

É mister ressaltar o contexto de realização da pesquisa, bem como os debates que justificam nossa iniciativa. Para além da apresentação na disciplina, que constituiria, por si só, uma justificativa plausível, temas como gênero, conservadorismo e laicidade são objetos de intensas discussões na sociedade brasileira, principalmente no que refere à educação oferecida nas escolas e demais espaços educativos.

Entre 2020, 2021 e parte de 2022, seguimos em meio à pandemia de COVID-19, que ocasionou, dentre outros percalços, a utilização do ensino remoto e/ou ensino híbrido em caráter emergencial. Com este cenário, novos desafios surgiram para o magistério, como gravação de vídeo aulas, aulas *online* e a utilização de plataformas e mídias digitais para fins educacionais. Outros desafios, no entanto, nos são mais conhecidos, como as reiteradas tentativas de dobrar os espaços de educação aos caprichos de grupos e movimentos conservadores. Por isso, mesmo diante destas novas demandas, não podemos estagnar no estudo e enfrentamento deste cenário que ameaça os princípios da laicidade na educação.

Vivendo um “recrudescimento do discurso conservador” (SEPULVEDA, SEPULVEDA, 2020, p. 94), temos observado uma “onda conservadora” em noticiários, nos comentários do dia a dia e, principalmente, nas assembleias legislativas. Como alerta Ivanilda Figueiredo (2016), a intenção destas iniciativas com relação à proposição de projetos de lei nem



sempre visa sua sanção, mas a difusão e manutenção das ideias conservadoras que conquistem o debate público e a opinião popular.

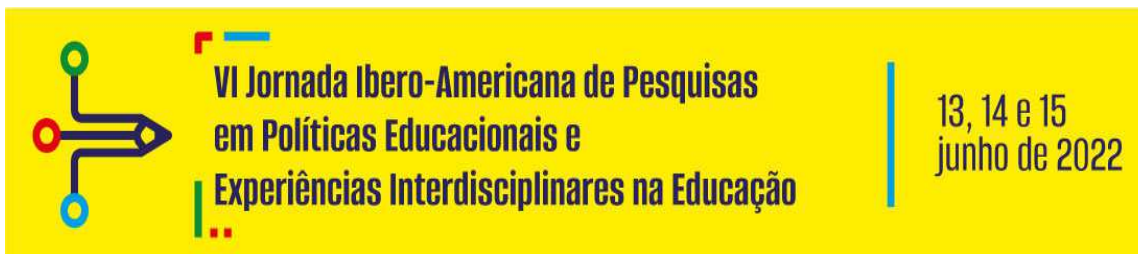
No âmbito educacional, temas que envolvem o gênero tem sido um dos principais objetos de perseguição destas iniciativas, que veem nesta categoria social (que impõe normas aos corpos sexuais) e nas reflexões sobre ela, sobretudo vindas dos movimentos sociais e estudos de gênero, uma verdadeira ameaça à sociedade (MISKOLCI, 2018). Somado a isso, o espaço escolar também tem sido palco de investidas conservadoras de cunho religioso. Compreendendo a necessidade da laicidade como uma garantia dos direitos de sujeitos e grupos, bem como a preservação do respeito às diferenças ao garantir a liberdade religiosa, ao mesmo tempo em que depreende a separação entre religião e Estado, vemos que ela “é o caminho racional pelo qual se pode manter a igualdade perante todos estes conjuntos plurais e diferentes” (CURY, 2013, p. 302).

Neste sentido, o objetivo deste artigo é entender como responsáveis compreendem o conservadorismo e a laicidade na educação, por meio de suas percepções sobre as questões de gênero que se manifestam no cotidiano.

Tendo em vista a luta por uma educação plural e verdadeiramente laica, onde docentes e estudantes tenham respeitados seus saberes, identidades, histórias e crenças, buscamos com este estudo, conscientizar-nos da capacidade e alcance das ideias conservadoras sobre a educação, bem como conhecer os meandros, desarmonias e contradições que surgem nas elaborações dos sujeitos, que por vezes, não se constituem de um posicionamento A ou B extremamente nítido e fixo, mas com contornos e traçados que nos dão pistas da complexa relação que estabelecem entre gênero, laicidade, educação e religião.

2. CONSTRUINDO A PESQUISA

De início, a ideia era realizar uma investigação que envolvesse apenas estudantes, de modo que, possibilitasse a ampliação de nosso olhar sobre a temática de gênero frente ao conservadorismo na educação. Seu desenvolvimento ganhou novas curvas com a possibilidade de participação de responsáveis, que se tornaram o grupo central nas análises deste texto. A



oportunidade de (re)dimensionar o caminho se deu pelo nosso campo: um espaço de educação musical popular. Durante a elaboração da pesquisa, uma de nossas colaboradoras trabalhava no local e, por intermédio dela, pudemos chegar até os sujeitos de nossa pesquisa.

A referida instituição consiste em uma rede de escolas que oferece aulas com instrumentos musicais e teoria musical para crianças e adolescentes de 07 a 17 anos de idade, está presente em seis Estados (RJ, SP, DF, BA, CE e SC) e possui dezesseis polos de ensino, sendo dez no Rio de Janeiro, totalizando trinta comunidades atendidas no estado.

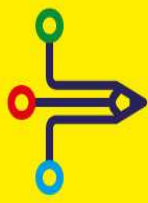
Pautada na transdisciplinaridade, a rede compreende a música como recurso para o desenvolvimento social e da cidadania e atende à cerca de 15 mil estudantes. Durante os períodos mais intensos da pandemia, a rede seguiu o trabalho em modo remoto.

2.1 Metodologia da pesquisa – questionários:

Considerando as medidas de distanciamento social e o curto tempo para a coleta de dados para o trabalho, foi preciso elaborar uma ferramenta que chegasse até os possíveis sujeitos da pesquisa e que fosse de fácil acessibilidade. Optamos por um formulário *online* do *google forms*.

Os formulários foram construídos com perguntas objetivas e subjetivas. As primeiras com o intuito de traçar um breve perfil das participantes (idade, gênero e local de residência); e as subjetivas iam acompanhadas das ferramentas, que denominamos de “ferramentas de imaginário social” – que consistiam em duas situações cotidianas, envolvendo discussões sobre gênero no espaço escolar, o que incluiu menções à religião, conservadorismo, trabalho docente, direitos humanos e laicidade, demarcando ainda este debate na sociedade.

Cada ferramenta representava o diálogo de uma dupla de personagens com posicionamentos opostos sobre os temas mencionado, seguida de uma pergunta convidando o leitor a explicitar suas ideias. Houve o cuidado em criar as falas dos personagens da maneira mais corriqueira possível, sem utilizar termos chave, como gênero, conservadorismo ou laicidade, para que os sujeitos respondessem com suas reflexões.

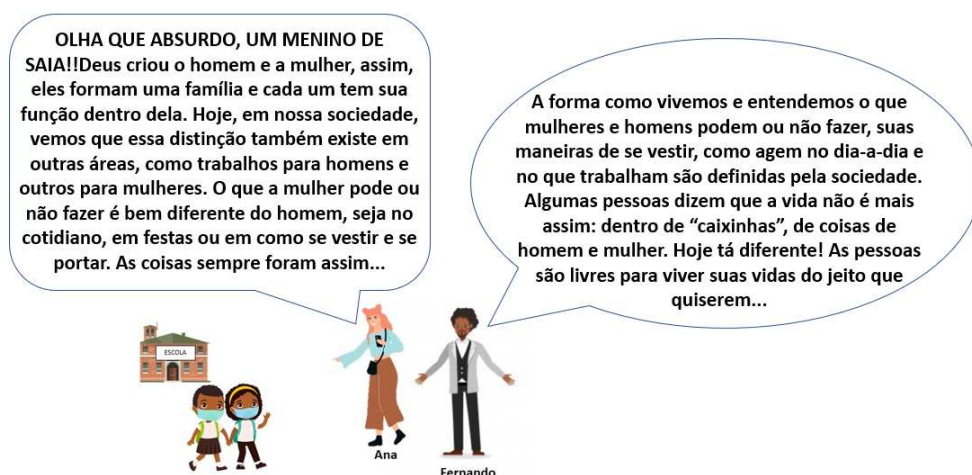


Junto às perguntas dissertativas, inserimos as opções: [1] Discordo totalmente; [2] Discordo em parte; [3] Indiferente; [4] Concordo em parte; [5] Concordo totalmente. Assim, foi possível aos sujeitos escolher uma dessas opções para a fala de cada personagem, demarcando ainda mais sua colocação.

As ferramentas foram baseadas no debate de Roger Chartier (1991) acerca da subjetividade das representações. Embora o autor tenha como objeto obras literárias e trace uma discussão em torno de sua trajetória de escrita, leitura e produção, sua concepção de representação nos motiva a pensar as questões de gênero, especialmente no tocante à educação, como um campo de disputas com representações que vão desde simbólicas até ideológicas e que contribuem para as práticas coletivas formadoras do mundo social. Enquanto “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” (*idem*, p. 183), as representações carregam uma relação entre concepção e ação que representam relações de poder e dominação. Sendo assim, nossas ferramentas procuraram externalizar essas disputas em torno da representação de gênero.

2.2 Ferramenta “Diálogo entre Ana e Fernando”:

Para este texto, selecionamos a ferramenta “diálogo entre Ana e Fernando”, destacada a seguir (Figura 1). As personagens conversam sobre duas crianças saindo de uma escola, sendo uma delas um menino usando uma saia.



Comente sua resposta baseada nas opiniões de Ana e Fernando:

Figura 1 – Ferramenta “Diálogo entre Ana e Fernando”.



Ao elaborar a imagem, dois pontos nos pareceram fundamentais: o primeiro foi uma nítida diferença entre os posicionamentos das personagens, destacando na fala da Ana a ideia de uma permanência de hábitos pautada numa divisão binária e tradicional dos gêneros, enquanto a fala de Fernando é marcada por uma ruptura temporal, entrelaçada com a percepção de que nossos deveres e mesmo algumas escolhas, são social e culturalmente construídas; e o segundo ponto foi a alusão ao discurso religioso como definidor da realidade e da diferenciação de gênero na declaração de Ana, em contraste com a argumentação de Fernando que, sem mencionar qualquer dogma religioso, defende a atuação humana como produtora das leis, normas e práticas sociais, de modo que pudesse suscitar certas noções de laicidade.

A maneira como o diálogo foi organizado está ligada à discussão proposta por Flávia Biroli (2018), que, ao atentar para a ação conservadora contra a igualdade de gênero, destaca os conflitos e redefinições em torno das “fronteiras entre as esferas pública e privada, entre a política e o mercado, e entre a responsabilidade social e a privada/familiar” (*idem*, p. 89).

Citando os eventos do ano de 2016 – frisando a sanção do Plano Nacional de Educação com a ausência de gênero e sexualidade em seu texto, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição nº 55, de 2016 (PEC 55) – a autora chama nossa atenção para os retrocessos postos em marcha. Somado a essas tentativas de corrosão ao pacto social da Constituição de 1988, atribuiu-se aos avanços dos movimentos feministas e LGBTIA+ um ataque à ordem moral, bem como a “família brasileira”. Dinâmica que se estende até os dias de hoje.

Essa composição não carrega apenas características nacionais, mas também tem elementos transnacionais de uma reação conservadora – como a investida da Igreja Católica contra a igualdade de gênero, direitos reprodutivos e diversidade sexual e a expansão de paradigmas de mercado atrelado a um conteúdo moral, dentre outros elementos – que, como explicita Biroli (2018), provocaram o aparecimento de fenômenos, como o Movimento Escola sem Partido e grupos e movimentos correlatos. É esse pensamento conservador, cujo teor moral aliado a pressupostos religiosos, que procuramos encontrar ou não nas representações do imaginário de responsáveis com esta ferramenta de pesquisa.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários foram enviados para 79 possíveis respondentes, obtendo, no total, apenas 22 respostas. O acesso ao link, entretanto, foi feito por 64 responsáveis, contando com os que responderam ao questionário. Essa diferença pode ter sido ocasionada por diversas situações e contratemplos, e, apesar do silêncio também ser um elemento relevante para nossas análises, o que vale para a investigação é entender a percepção daqueles que nos retornaram.

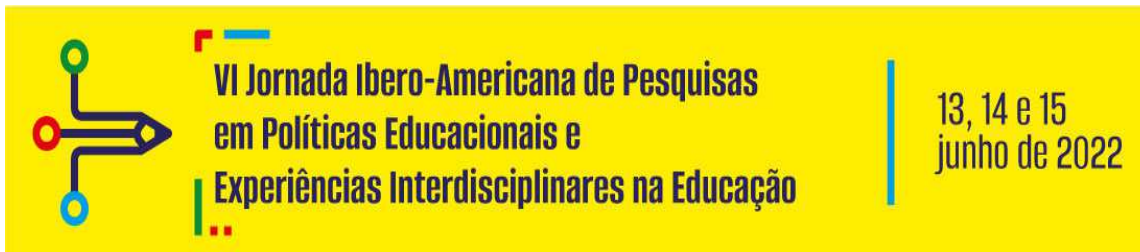
Todas as respondentes que participaram da pesquisa se identificaram com o gênero feminino, com idades variando entre “menos 24 anos” e “mais de 50 anos”, sendo assim um grupo diversificado em faixa etária, o que nos leva a crer que nem todas seriam mães dos estudantes, por isso nossa predileção pelo termo “responsável”.

É interessante perceber a predominância feminina na pesquisa. Este não é um acaso, mas um dado que conversa com o debate realizado por Biroli (2018) acerca do maternalismo e o restabelecimento da ordem de gênero. Ainda referindo-se à redefinição das fronteiras entre público e privado, a autora destaca os aspectos que circundam o cuidado, a maternidade e as relações de gênero, encargos tradicionalmente impostos às mulheres – que assumem, inclusive, a responsabilidade social pelo acompanhamento da escolarização das crianças.

Passando às respostas, optamos por organizá-las segundo seus posicionamentos. Observemos primeiro, aquelas que concordaram com as afirmações do personagem Fernando.

Tabela 1 – Respostas que concordam com Fernando

Respeito a visão de mundo da Ana, porém concordo com o pensamento do Fernando porque a pluralidade tem mais visibilidade nos tempos atuais.
Ana é uma idiota e Fernando está certo.
Acredito q hj as pessoas possam escolher C mais liberdade aquilo q querem fazer ou ser. Porém ainda exista uma certa resistência das pessoas "tradicionais".
Uma pessoa deve ser tratada como uma pessoa independente das suas escolhas, ainda que estas sejam diferentes das minhas. Esse discurso de: "Sempre foi assim" é passado. O mundo mudou, não existe “normal”, mas sim comum. Normal é ser feliz e não fazer mal pra ninguém.
Na minha opinião as pessoas devem se vestir da maneira que se sente bem. Se um menino quiser brincar de boneca e uma menina de carinho, não tem problema, um dia o menino pode ser tornar pai e uma menina podera dirigir. A partir do momento que se preocupamos com rótulos esquecemos o mais importante a nós mesmos.
Vestimenta q uma pessoa usa não distingue seu caráter ou opção sexual.
Acho que nem tudo pode ser ditado pela sociedade. Acho que homens e mulheres precisam se complementar para que uma família ou sociedade funcione em harmonia. O que não significa dizer que as mulheres não possam fazer as tarefas tradicionalmente masculinas. As mulheres precisam ter os mesmos direitos, oportunidades e liberdade que os homens têm.



Nossa sociedade atualmente é mais livre, cada um pode fazer suas próprias escolhas. No futuro será o fim de uma sociedade patriarcal onde dividem mulheres dos homens pelo seu gênero.

É manifesto o caráter temporal nos raciocínios acima, vivemos no hoje, num tempo que se diferencia de um anterior por sua mudança nas atitudes e na possibilidade de escolha, segundo nossas responsáveis. Esse antes e depois marca uma ruptura não apenas temporal, mas na convicção que vivemos segundo construções sociais, culturais e políticas.

A percepção presente nas respostas pode estar ligada ao protagonismo de movimentos e organizações feministas e LGBTQIA+, sobretudo entre as décadas 1970 e 1990, que ao elaborarem diferentes referenciais de gênero e de sexualidade no debate de políticas públicas, colocaram em questão os fundamentos religiosos da moral e do direito e possibilitaram a expansão dessa discussão na arena pública (BIROLI, 2018; MISKOLCI, 2018).

Outro ponto interessante nas reflexões das responsáveis é sobre não haver menção ao religioso, suas argumentações se pautam na ação humana para a composição de regras no convívio em sociedade. Essa forma de apropriação da realidade se distingue das respostas seguintes, das responsáveis que concordaram com Ana.

Tabela 2 – Respostas que concordam com Ana

Acho desnecessário colocar nome de "Deus"/ nessa sua abordagem a esse tema, acredito em Deus. e concordo com essa personagem, essa forma de você ridicularizar minha crença, é patético. Logo vocês que dizem sobre "respeita a igualdade e a religião"
Deus criou Homem e mulher. Apenas
A FAMILIA FOI INSTITUÍDA POR DEUS E O QUE ESTAMOS VENDO SURGIR SÃO UNIÕES NÃO FAMILIAS A FAMILIA QUE DEUS INSTITUIU É FORMADA POR UM HOMEM E UMA MULHER
Acho que isso não é pertinente a discussão em meio escolar.
Porem nao aceito que uma menina ou ate mesmo um menino se vista como diferente de seu sexo nao aceito nao aceito

Diferente do que vimos anteriormente, outras cinco responsáveis apresentam posicionamentos conservadores. Enquanto três utilizam o dogma religioso, uma se nega a aceitar o debate em torno de gênero e outra alega que este não pertence ao âmbito escolar. Estes são elementos que podemos encontrar no discurso conservador, de acordo com Sepulveda e Sepulveda (2019). Segundo os autores, efetuando-se no campo da cultura, mas transitando por diversos espaços sociais, o movimento conservador se reproduz como uma retórica repleta de persuasão e se constitui como uma narrativa de mundo em contínua disputa, sustentando uma densa relação com o tradicionalismo.



Tendo por características a anti-intelectualidade, a antirracionalidade, um posicionamento contrário à ampliação de direitos sociais, o combate a práticas revolucionárias e uma atitude antidemocrática (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2019). O conservadorismo, com o intuito de manter a tradição e a moralidade, se baseia em “regimes de verdade” (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2020, p. 100). No Brasil, a verdade que direciona a ação dos conservadores é fundada, principalmente, no discurso religioso cristão, que têm, dentre outras características, a tentativa de cercear a implementação de direitos sociais e humanos de grupos que formam as minorias políticas, mulheres e LGBTIQIA+ (FIGUEIREDO, 2016; MISKOLCI, 2018).

Dessa forma, ao se posicionarem citando visões religiosas, o silenciamento do debate no meio escolar e a não aceitação das escolhas de outros indivíduos, as respondentes deste grupo manifestam a representação do pensamento conservador. No quadro abaixo, veremos mais algumas repostas que refletem uma dimensão religiosa, mas que carregam um direcionamento distinto.

Tabela 3 – Respostas de concordância parcial

A ideia da opinião de Ana é indiferente, o que faltou foi respeito. As pessoas tem pontos de vista diferentes, mas isso não justifica criticar, banalizar ou julgar o próximo. então discordo com a Ana, no modo de falar e não no tema. Fernando, já foi mais compreensivo e mente aberta quanto o assunto, mostrou que independente do que cada um decide vestir/ser, o respeito é primordial.
Na parte em que Ana fala sobre Deus ter criado o homem e a mulher, cada um com sua função na família, acho correto, mas a opinião do Fernando esta correta hoje em dia as coisas mudaram muito e as pessoas decidem o que querem fazer oi onde querem estar. Nao existe mais ests coisas de função so de homem ou de mulher, se eu quero, eu posso, eu faço.
Deus realmente criou homem e mulher, mas nós não temos o direito de julgar ninguém, cada um dará conta de si mesmo, nós cabe respeitar e amar as pessoas independente de suas escolhas.
Sim Deus fez homen e mulher mas nao cabe a mim ou a ninguém juga o outro
Concordo quando Fernando diz que a sociedade impõe como devemos ou não nos portar e complementando e dependendo das nossas escolhas não somos aceitos em determinados lugares ou ate mesmo campanhas , temos que saber separar as coisas e procurar entender e respeitar cada um conforme suas escolhas e carateristicas de vida , mais pro outro lado sabemos que devemos nos portar de maneira adequada a um determinado local ou um determinadado ambiente de pessoas , nos valorizando e sabendo que cada um tem seus direitos e deveres a cumprir.
As pessoas sao livres para viver como quiser desde que nao obrigue as outras a aprovar suas escolhas. Que arquem com as consequencias de seus ato. Afinal a o humano é um ser social. E uma sociedade se transforma da massa para o particular. Da opinião particular para massa é ditatorialismo.

Seguindo nossas reflexões, temos acima as responsáveis que desenvolveram argumentações compostas por nuances, que não se identificaram diretamente com um dos personagens.



Luiz Antônio Cunha (2011) adverte que a religião é muito presente em nosso cotidiano, seja na linguagem ou nas instituições. Como vimos, por diversas vezes, a religião vem atrelada ao pensamento conservador, as respostas acima, porém, por mais que tragam posicionamentos fundados na religião, se diferenciam das precedentes por enfatizarem o respeito às diferenças como aspecto fundamental para o convívio social – que nos indicam traços de laicidade nas representações de seus imaginários.

Temos consciência que a laicidade não significa uma posição contra as religiões, mas a defesa da separação entre religião e Estado, entendendo que direitos não podem ser privados em função de valores religiosos, como argumenta Ivanilda Figueiredo (2016). Ao mesmo tempo, a laicidade contribui com o reconhecimento e a garantia da liberdade de expressão religiosa, de quaisquer crenças, como aponta Carlos Cury (2013) – que destaca que, em vista da pluralidade religiosa, cultural, e de perspectivas e modos de vida em nossa sociedade, a laicidade contribui para a preservação do respeito às diferenças.

Mesmo concordando, em sua maioria, com uma visão religiosa acerca da representação de gênero, o que marca as considerações de nossas responsáveis é o reconhecimento da pluralidade de sujeitos, bem como, a impossibilidade de intervir na vida de outros indivíduos por meio de critérios religiosos particulares.

Para finalizar nossas análises, temos as respostas das 3 responsáveis que preferiram uma abordagem mais ampla, sem se posicionar diretamente ao lado de nenhum dos personagens e sem oferecer uma reflexão mais extensa – *Acho um assunto muito complexo; cada um tem seu jeito de ver as coisas; a vida e a forma de ver*. Não nos cabe especular sobre suas escolhas, mas suas respostas precisavam constar aqui, junto com as demais, para atentarmos que o imaginário social em torno das questões de gênero pode ser bem mais intrincado do que esperamos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as responsáveis que responderam ao questionário são adultas, de diferentes lugares e que frequentam distintos espaços, tendo suas redes de sociabilidades específicas, mas que, por meio da ferramenta de imaginário social, expuseram suas ideias e posicionamentos,



indicando nitidamente que, nem sempre, estamos diante de apenas duas possibilidades antagônicas. A realidade e suas percepções são mais extensas, imbricadas e diversificadas, como também são as compreensões em torno da categoria de gênero.

Obviamente esta não é uma pesquisa com o objetivo de realizar uma apresentação de dados que deem conta da realidade, contudo, vislumbrando a quantidade de respostas (8 a favor do ponto de vista de Fernando e 6 que defenderam “o respeito ao outro”, em contraposição a 5 posicionamentos conservadores e 3 que se denominaram indiferentes a questão) podemos dizer que ainda há esperança para dias mais democráticos.

Nossas reflexões aqui partem do ideal de que a laicidade anda de mãos dadas com o regime democrático, possibilitando a construção de uma convivência pacífica, diante de um pluralismo religioso, de ideias e de culturas – onde as diferenças são devidamente valorizadas.

5. REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. Reação conservadora, democracia e conhecimento. *Rev. antropol.* USP, São Paulo/SP, *online*, v. 61, n. 1, p. 83-94, 2018.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Luiz Antonio. Confessionalismo versus laicidade na educação brasileira: ontem e hoje. *Rivista Visioni Latino Americane Centro Studi per l’America Latina*, n. 4, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Laicidade, direitos humanos e democracia. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 8, n. 16, 2013.

FIGUEIREDO, Ivanilda. Direitos Humanos e Estado laico. *Relatório da Relatoria de Direitos Humanos e Estado Laico da Plataforma de Direitos Humanos – DHESCA Brasil*, 2016.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”, *Cadernos Pagu*, Unicamp, São Paulo/SP, n. 53, 2018.

SEPULVEDA, Denise e SEPULVEDA, José A. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 3, p. 868-892, 2019.

SEPULVEDA, Denise e SEPULVEDA, José Antônio. Laicidade do Estado e da educação: Valorizando as discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas públicas. *Revista Retratos da Escola*, Brasília/DF, v. 14, n. 28, p. 91-105, 2020.



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

Julia Dionísio Cavalcante da Silva

Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC) da UFF. Professora de Ciências e Biologia em espaços de educação popular na zona oeste do Rio de Janeiro.

Hosana do Nascimento Ramôa

Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense. Bacharel e Licenciada em História pela UFF. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC) e do Núcleo de Estudos em Educação Democrática (NEED) da Faculdade de Educação da UFF.